

A Plendor, meu Rei e velho amigo, cuja alma buscava Uriath como o sedento busca a fonte.

Recordo-me, com nitidez e peso, das conversas que partilhamos sob as abóbadas de mármore da corte ancestral, quando a guerra era apenas uma sombra no horizonte e os sonhos pareciam bastar. Vós faláveis de Uriath não como um soberano que ambiciona conquistas, mas como um peregrino que escuta os sussurros de uma terra ainda não pisada. Havia em vossos olhos a chama da descoberta, embora escondida sob o verniz do protocolo. E eu, tolo e jovem, pouco compreendia da gravidade com que vosso espírito ansiava.

A mim foi concedido o privilégio que a vós foi negado: atravessar os portões rumo às terras dos povos livres e, tocar os lagos que não constam em mapas, sangrar nos campos onde o mundo desconhecido ainda resiste. A jornada moldou-me. Envelheci na carne, sim — mas mais ainda na alma. Por isso escrevo. Não para mim, e nem mesmo por vaidade de contar o que vi. Escrevo como quem estende a mão ao passado, oferecendo-lhe aquilo que a morte não pôde tomar: a memória viva. Este manuscrito, velho amigo, é vosso por direito espiritual. É uma oferenda à vossa sede nunca saciada, um tributo à amizade que resistiu à distância e ao tempo.

Não vos entrego simples lembranças, nem mero relato. O que se segue é uma tentativa — limitada, imperfeita, mas sincera — de transcrever Uriath com tinta. Que estas páginas, se não vos puderem levar até os vales que cheiram a mirra, ao som antigo das pedras ou à brisa que desce dos picos de Tarian, ao menos vos conduzam à alma viva de Uriath. E, quem sabe, ao eco da vossa própria. Recebei, pois, este testemunho — não somente meu, mas vosso.

Após deixar Dyla, parti com o coração pesado e a mente entrelaçada de esperança e dúvida. A promessa que fizera a vossa majestade, de buscar além dos muros e relatos, ainda queimava como brasas vivas sob minha pele. Animado pelo que os povos livres ofertavam, avancei para as terras longínquas de Laekage — um mundo sob a responsabilidade e domínio dos homens. Foi ali que encontrei Gali, humano de linhagem régia e alma inquebrantável, ainda em seus dias de cavaleiro. Entre ele e eu, uma amizade se formou, fundada não

apenas no respeito, mas na compreensão tácita daquilo que cada um carregava: um destino gravado nas sombras da guerra e na urgência do presente.

Convocado para as campanhas de conquista, entrei na dança da guerra com passos cautelosos. Nem todo avanço se fazia por espadas, e nem toda vitória era visível aos olhos desatentos. Contudo, havia um dia que se destacou, um dia que se gravaria em minha carne e minha memória como o estigma daquilo que realmente importava — o que lutamos para proteger, os rostos e histórias que justificam o derramamento de sangue.

Era ao entardecer, quando o sol começava a inclinar sua luz dourada sobre os vales ocultos, que nosso pequeno grupo encontrava-se em repouso numa clareira isolada, no cume das montanhas. Ali, acima do eco das batalhas distantes, respirávamos um silêncio tenso, com corpos exaustos e mentes aguçadas. O ar trazia um aroma misto de pinho e terra molhada, e até mesmo os pássaros pareciam silenciar, atentos ao que se anunciava.

Sendo elfo, fui o primeiro a perceber o sutil tremor que corria pelo solo, uma vibração fina e pulsante, que não se confundia com o simples sussurro do vento. O ar carregava a promessa de algo que se aproximava — milhares de passos, como o coração do mundo batendo em uníssono, ritmo de tambores invisíveis e ordenados. Gali, Elendor e Mispa, meus companheiros de jornada, logo sentiram o mesmo presságio, e o silêncio foi substituído pelo preparo metódico.

A emboscada que se seguiu não foi apenas uma batalha — foi um rito de passagem gravado em sangue e suor. Cada movimento nosso, cada golpe desferido, era um fragmento do destino que nos tocava. A luta estendeu-se por quase dois sóis, entre aço e sombra, e quando o último inimigo caiu, o silêncio retornou, pesado e sombrio. Exaustos, meus membros pesavam como pedras, e o sangue, quente e viscoso, escorria por minha pele. Atirado sobre o chão, senti a terra aceitar-me como parte de seu corpo cansado.

A noite era um véu escuro que acolhia as nossas dores, e ali, entre os mortos e feridos, éramos menos guerreiros e mais sombras que resistiam. Foi nesse momento que a consciência daquilo que defendíamos se fez clara: não eram meros territórios, mas vidas, o fio tênue que une o presente ao futuro.

A noite já avançava quando me afastei do acampamento. Meus companheiros, ainda marcados pela batalha, tentavam encontrar consolo em histórias contadas com voz rouca, em risos forçados e em goles de vinho forte. Gali ria alto, como se desafiasse a própria morte; Mispa contava bravatas, e Elendor afiava sua lâmina com um zelo quase litúrgico. Mas eu — eu desejava silêncio. Minhas mãos ainda tremiam. Não apenas pelo cansaço, mas pela carga invisível que cada vida ceifada depositava sobre mim. As feridas ardiam menos que as memórias. E então parti, mancando com dificuldade, mas firme em minha busca por algo que nem eu mesmo sabia nomear.

Caminhei por entre rochas antigas, tocadas por musgos e séculos, até encontrar o lago.

Era uma formação curiosa: dois círculos conectados por um estreito canal, como uma orelha de homem voltada para o firmamento. As águas, límpidas e rasas, refletiam as estrelas com tal precisão que me senti suspenso entre dois céus. Cardumes pequenos nadavam com indiferença ao sofrimento humano. Eles comiam algas, reviravam pedras — e existiam. Apenas isso. Existiam.

Sentei-me numa rocha moldada pelo tempo como um trono humilde, e por um instante esqueci tudo. As dores, os gritos, os nomes dos mortos. Olhei para o firmamento, e ali estavam elas: três constelações antigas que os sábios chamavam de Banshee, Telethos e Faerna. Vi nelas um guerreiro ajoelhado, fincando sua espada no solo diante de uma criança coroada. Atrás deles, uma mulher observava com dignidade. Era uma cena congelada na eternidade. E pela primeira vez em muitos anos, senti-me parte de algo maior do que eu mesmo.

Comecei então a tratar das feridas. Retirei da mochila um estojo com ervas e compressas, e ao remover parte da armadura, um calafrio percorreu-me a espinha. A pele, exposta ao vento frio, parecia lembrar-me de que eu ainda estava vivo — e vulnerável. As ervas queimavam, mas com elas vinha a cura.

Foi nesse exato momento que a vi.

Ela surgiu das águas como um segredo que o mundo tentou afogar sob cinzas e ruínas. Não havia anúncio, nem som — apenas a súbita constatação de que a beleza ainda ousava existir. E isso foi o que mais me feriu. Estava de costas, parcialmente submersa, e os contornos de seu corpo insinuavam-se à luz das estrelas, seus movimentos eram lentos, quase litúrgicos — não a liturgia dos templos, mas a do desejo, do desejo vivo. Lavava-se como quem desfaz encantos ou purga memórias, e a água, cúmplice devota, deslizava por sua pele com ternura quase indecente.

Seus cabelos, encharcados, caíam como cortinas sobre seus seios, colando-se ao corpo com a precisão de um artista. Os braços — longos, meigos — percorriam a própria pele com a intimidade de quem conhece cada curva, cada dobra. Havia, em seus gestos, prazer, que não se compra: prazer que apenas se conquista, e por isso arde.

E eu — um homem recém saído da carnificina, com o cheiro de sangue ainda entranhado nas mãos — fui tomado por algo que não era paixão, nem piedade, mas um desejo. Um desejo não de posse, mas de sentido, de consolo. Ela era a prova de que o mundo, apesar de tudo, ainda podia conceber o sublime. Ou pior: ela era o escárnio de um mundo que mostra o sublime precisamente quando já não se crê mais nele. Não me atrevi a falar. Um gesto qualquer teria quebrado o encantamento, como se o som da minha voz profanasse algo mais antigo do que eu. Apenas observei, com o peito em silêncio e os olhos ardendo. Talvez tenha sido amor, mas um amor que não pede nome, nem posse — um amor que só sabe morrer em silêncio.

Depois, desviei o olhar. Levantei-me devagar, com os músculos protestando e a alma em suspensão. Voltei para junto dos homens, levando comigo um calor que não queimava a pele — mas tudo o que estava debaixo dela. Nenhum dos homens notou minha ausência.

A madrugada começava a dissolver a escuridão quando retornei ao acampamento. O fogo havia minguado, restando apenas brasas que pulsavam como corações fatigados. Gali ainda falava, meio deitado, os olhos pesados de vinho e exaustão, mas a voz animada. Mispa roncava baixinho, e Elendor, mesmo adormecido, mantinha a mão sobre o punho da espada.

Sentei-me sem dizer uma palavra. Ninguém notou — ou fingiram não notar. E fui grato por isso. Não havia como explicar o que me ocorrera, o que estava sentindo. A beleza da mulher no foi como uma ferida nova, que não sangrava para fora, mas para dentro. Era um eco. Um sussurro antigo que dizia: “Ainda vale a pena, apesar de tudo.”

Observei os rostos à minha volta com atenção que antes não lhes dera. Vi os vincos nos olhos de Gali quando ria. Vi o peito largo de Mispa subir e descer em paz. Vi Elendor respirar entre pesadelos que talvez jamais nomeasse. E então fui tomado por uma consciência cruel e inevitável: todos eles morreriam. Um dia, Gali calaria. Mispa deixaria de rir. Elendor soltaria a espada. E eu — eu continuaria. Não porque o quisesse. Mas porque esse era o destino dos meus: ver. Testemunhar. Permanecer.

Para eles, a guerra era capítulo. Para mim, crônica. E a diferença entre as duas é que a crônica não termina — ela sobrevive ao fim. Senti então que os dias com aqueles homens eram como vinho derramado sobre a terra: belos, intensos, mas irrecuperáveis. Eu beberia deles enquanto houvesse cálice. Depois, lembraria o sabor. Só eu. Sempre eu. Mas hoje, com esta tinta, eu ergo esse cálice à memória e o divido convosco, meu Rei.